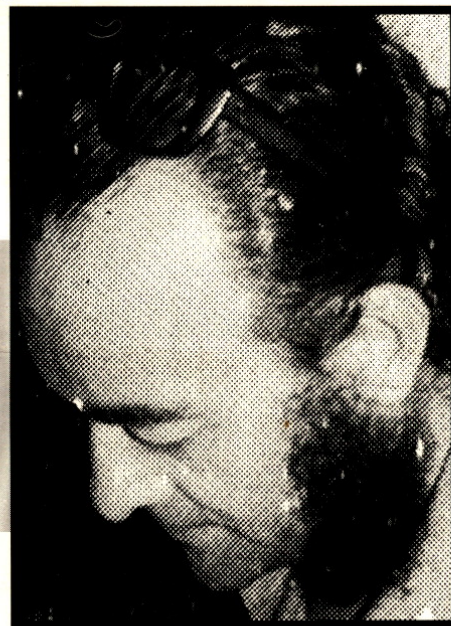


"Não esqueças o limão nos meus olhos
para o ácido dom de ver
ainda que seja a morte."

(Breve memorial do longo tempo)

TRIBUTOS A TRIBUZI

Jomar Moraes



BANDEIRA TRIBUZI, nome com que passou à história literária José Tribuzi Pinheiro Gomes, nasceu em São Luís, a 2 de fevereiro de 1927. Era filho do português Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes e de sua mulher, a maranhense Amélia Tribuzi Pinheiro Gomes, cuja ascendência remonta ao pintor italiano Domingos Tribuzi, que no século passado se radicou na capital maranhense, onde faleceu.

O pai de Bandeira Tribuzi, comerciante próspero em São Luís, sócio majoritário da tradicional firma Pinheiro Gomes - Representações A.A. (fundada em 1908 e ainda operando), visitava constantemente sua terra natal, quase sempre acompanhado da família, que desejava fosse também portuguesa:

*Adeus. La vou
para o exílio português
navegando pelo patriotismo
de meu pai
que desconfia das letras
brasileiras
e gostaria que todos os
filhos
nascidos no Brasil fossem
bons portugueses
até no sotaque com que ele
resistia*

*aos seus sessenta anos
brasileiros.*

(Breve memorial do longo tempo)

Antes que completasse três anos de idade, seguiu Bandeira Tribuzi com os pais para Portugal. Ali permaneceu até concluir sua formação superior, havendo estudado em Aveiro, Porto e Coimbra. Destinado, por desejo paterno, à vida sacerdotal, como franciscano, fez até o seminário maior, mas se recusou a tomar ordens, por falta de vocação. O poeta, que, de volta a São Luís, não tardaria a deixar sua mesa de trabalho na firma Pinheiro Gomes, cedia ao apelo da vocação mais forte, que apontava para a poesia, para o jornalismo, enfim - para as letras que lhe dariam "a herança só de filhos e sonetos", e não para um endereço no centenário Largo do Carmo, fosse ele a casa comercial da família ou convento que batizou o logradouro.

Formado em filosofia e em Ciências Econômicas e Sociais, retornou José Tribuzi Pinheiro Gomes a São Luís em fins de 1946, na companhia dos pais. E começava seu destino gauche, na visão do

português Joaquim. Não vinha de burel e tonsura, para as festa da missa nova na cidade natal, nem pretendia usar o nome prestigioso na praça - Pinheiro Gomes.

Trazia uma sólida cultura humanística, trazia os seus poetas preferidos, grandes vozes da renovação em Portugal e no Brasil - Sá-Carneiro, José Régio, Fernando Pessoa, Drummond, Manuel Bandeira; também trazia García Lorca e Maiacovsky.

Mas, entre o franciscano que recusou ser e o comerciante que não quis permanecer, alguma coisa lembrava as qualidades de vocações tão díspares: a simplicidade no trajar-se, marcada sempre pelo uso de sandálias, e o gosto pelo trabalho diuturno. O frade que não foi ainda poderá ser entrevistado na decisão do novo batismo onomástico. São José Tribuzi Pinheiro Gomes, que esse, no Maranhão, jamais poderia ser nome de poeta, mas Bandeira Tribuzi: homenagem a Manuel Bandeira, poeta brasileiro de sua predileção, e o nome de família - justamente o evocativo do ascendente artista, poeta das cores e

das formas.

São Luís, em 1946, tinha grande movimentação cultural. Faziam-na jovens cheios do entusiasmo, dos sonhos e de uma certa rebeldia naturais a essa fase da vida. Apesar disso, estavam bastante defasados em relação aos avanços estéticos da época. Ia-se vencendo a década de 40, mas São Luís, a bem dizer, ainda nem se dera conta do vendaval de 22. Praticava-se, em larga escala, o sonetão parnasiano, e também se insistia em velhos motivos nacionalistas, recorrendo a modelos românticos muito utilizados no século passado, notadamente os arroubos de talhe condoreiro.

Bandeira Tribuzi logo pontificaria num grupo de jovens que com ele passou a reunir-se em diversos pontos da cidade, notadamente na Movelaría Guanabara, do pintor Pedro Paiva.

Discutia-se muito, de literatura a artes plásticas e a música, mas o forte, mesmo, nunca deixou de ser literatura, com predileção especial para a poesia, graças a marcante tradição maranhense até hoje plenamente válida.

Esse contato com os moços de sua terra - e que passou à crônica literária local com a denominação de Movimento da Movelaría - foi chamamento a que muitos acudiram. E a partir do qual se desencadeou um vigoroso processo de renovação de que Tribuzi sempre participou. Não como enfatuado ou pretenso líder, que tal condição jamais aceitaria para si, mas com as responsabilidades de homem de seu tempo, comprometido com as angústias e os problemas de sua terra e de sua gente, preferindo, como repetidamente afirmou, ao aplauso da crítica, a compreensão, pelo povo, de sua mensagem. Sentia-se porta-voz, por isso mesmo que desejaria comunicar-se através de um grande e permanente comício literário, com seus versos validados através da apropriação pelo povo, como disse num livro publicado postumamente (Íntimo comício):

*Não quero meus versos
numa antologia.
Quero-os rolando
caminhos e dias
na boca do povo:
rosa da esperança
vermelha e florida.*